



TEORIAS SUBJACENTES AO PROCESSO DE INTERNACIONALIZAÇÃO PARA PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS (PMES): UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA E CLASSIFICAÇÃO DAS CORRENTES DE PESQUISA.

João Neroni * - joao.neroni@athonedu.com.br

Resumo: O processo de internacionalização das pequenas e médias empresas (PME) tem chamado a atenção de estudiosos de todo o mundo. Os fatores que influenciam o comportamento durante esse processo têm despertado o interesse de pesquisadores que têm empregado diferentes abordagens teóricas para contribuir com o desenvolvimento dos estudos de negócios internacionais. Este artigo procura fornecer uma visão geral das diversas teorias que têm sido utilizadas para investigar o processo de internacionalização das PME. Para realizar esta revisão, foram analisados 100 artigos de revistas publicados entre 2018 e 2023. Com base nas descobertas, das 17 teorias, as cinco teorias primárias publicadas, em ordem, são (1) Teoria de Uppsala, (2) Teoria de Rede, (3) Teoria Baseada em Recursos, (4) Teoria do Empreendedorismo Internacional e (5) Teoria Institucional. Este estudo também fornece sugestões e implicações para pesquisas futuras.

Palavras-Chaves: Pequenas e Médias Empresas (PME); Teorias de Internacionalização, Processo de Internacionalização.

Abstract: The internationalization process of small and medium-sized enterprises (SMEs) has captured the attention of researchers worldwide. The factors influencing behavior during this process have sparked the interest of researchers employing various theoretical approaches to contribute to the development of international business studies. This article seeks to provide an overview of the various theories that have been used to investigate the internationalization process of SMEs. To conduct this review, 100 journal articles published between 2018 and 2023 were analyzed. Based on the findings, of the 17 theories, the five primary published theories, in order, are (1) Uppsala Theory, (2) Network Theory, (3) Resource-Based Theory, (4) International Entrepreneurship Theory, and (5) Institutional Theory. This study also offers suggestions and implications for future research.

Keywords: Small and Medium Enterprises (SMEs); Internationalization SME theory; Internationalization process.

1. Introdução

À medida que o mercado interno se torna cada vez mais saturado, a globalização e a necessidade de expansão para mercados estrangeiros tornaram-se grandes impulsionadores para as empresas. Para superar as restrições de um mercado interno superlotado, a internacionalização tornou-se uma estratégia crucial para muitas empresas. Como resultado, o estudo de como as empresas conduzem o processo de internacionalização tornou-se um tema de crescente importância. Segundo a definição de Welch e Luostarinen (1988), o ato de uma organização participar em mercados estrangeiros pode ser descrito como internacionalização. Esse processo envolve a ampliação da presença da organização nas operações internacionais. Lu e Beamish (2006) enfatizaram que a internacionalização é um processo multifacetado que inclui atividades significativas, como exportação e investimentos estrangeiros diretos.

Nas fases iniciais da investigação académica em torno da internacionalização, o foco principal estava nas atividades das grandes corporações, como afirmado por Welch e Luostarinen em 1988. A abordagem adotada foi muito tradicional, como observado por Ribau et al (2016). Durante a década de 1970, académicos dos países nórdicos começaram a desviar a sua atenção para as pequenas e médias empresas (PME). Um dos marcos mais marcantes dessa mudança foi o desenvolvimento do Modelo de Processo de Internacionalização de Uppsala, originalmente sugerido por Johanson e Vahlne (1977). O modelo propõe que a entrada de uma empresa em mercados estrangeiros ocorra gradualmente, em conjunto com o crescimento do seu conhecimento de mercado, conforme indicado por Tykesson e Alserud (2011).

A participação das pequenas e médias empresas (PME) nos mercados internacionais pode ter um impacto positivo nos seus negócios. Segundo Jones (1999), o envolvimento global pode melhorar a capacidade tecnológica e de conhecimento de uma empresa, contribuindo assim para o crescimento dos seus recursos. No entanto, pesquisas anteriores indicam que as PME enfrentam inúmeras limitações, tanto internas como externas, que dificultam a sua entrada nos mercados globais (CHALDUN ET AL., 2020; HUTCHINSON ET AL., 2009). Apesar destes desafios, as atividades internacionais das PME podem impactar positivamente a balança de pagamentos do país, conforme observado por Wiryanti (2017).

É inegável que as PME desempenham um papel crucial na promoção do crescimento económico (JAVALGI, TODD, 2011). Isto levou a um aumento na investigação sobre o tema em todo o mundo, à medida que as PME continuam a enfrentar desafios globais (TAREK ET AL.,

2016). Apesar da expansão gradual das pesquisas sobre PME, a literatura ainda mostra que os temas relacionados à sua internacionalização permanecem intrigantes (NAROOZ, CHILD, 2017).

O tema das pequenas e médias empresas (PME) tem sido exaustivamente pesquisado, com inúmeros artigos que investigam os seus processos e comportamentos de tomada de decisão sob vários ângulos. O corpo de investigação nesta área é extenso, com uma gama de teorias e metodologias utilizadas para analisar o processo de internacionalização das PME.

Quando vista como um fenômeno organizacional, a internacionalização assume a forma de uma abordagem estratégica. Esta abordagem mostra o potencial para alargar e diversificar os mercados, bem como para adquirir novos conhecimentos tecnológicos e técnicas empresariais, ao mesmo tempo que promove uma maior especialização tanto na produção como nos serviços. Esses elementos são identificados como fatores que podem proporcionar diferencial competitivo às organizações, conforme postulado por Guimarães e Azambuja (2018).

O objetivo deste artigo é fornecer uma visão geral das diversas teorias e metodologias utilizadas no estudo da internacionalização entre 2018 e 2023, com ênfase nas 5 mais citadas. A seção subsequente irá discorrer sobre os meios empregados para reunir e escolher artigos relevantes, seguido de uma exposição sobre os resultados da pesquisa sobre as diversas teorias e metodologias empregadas na pesquisa sobre a internacionalização de pequenas e médias empresas.

2. Método

Ao examinar a internacionalização das Pequenas e Médias Empresas (PME), os acadêmicos empregaram múltiplas teorias nas suas análises. Para uma revisão sistemática da literatura sobre o tema, o foco foi nas bases de dados Scopus, Web of Science (WoS) e Periódicos da CAPES. Essas plataformas foram escolhidas devido à sua reputação de hospedar artigos de alta qualidade publicados em periódicos conceituados, incluindo International Business Review (Q1) e Journal of International Management (Q1), entre outros. A maioria dos artigos selecionados nestas bases de dados obteve um número significativo de citações, indicando que se tornaram referências para outros pesquisadores da mesma área. Foram identificados 184 artigos por meio da busca pelas palavras-chave “processo de internacionalização” OR “internalization process” OR “processo de internacionalização” AND “PME” OR

“internalization process” AND “SME”. O foco foi colocado em estudos que aplicam referenciais teóricos a situações práticas, o que exclui artigos que sejam revisões de literatura, descrições metodológicas ou aqueles que carecem de relevância. A Figura 1 apresenta uma visão geral do processo de pesquisa e revisão.

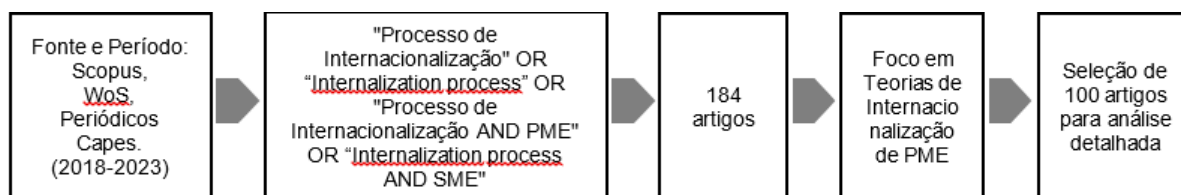


Figura 1. Processo geral de revisão. Fonte: O autor

A base para a seleção dos artigos centrou-se em três fatores principais: 1) a concentração na internacionalização das Pequenas e Médias Empresas (PME), 2) as investigações realizadas durante os anos entre 2018 e 2023, e 3) a fundamentação empírica da investigação. No final, 100 artigos foram identificados para análise mais aprofundada, entendendo como foram discutidas as teorias sobre internacionalização em cada um. A seção subsequente detalhará o resultado do processo de avaliação com base nesses 100 artigos.

3. Resultados

Depois de analisar 100 documentos, constatou-se que os estudiosos utilizaram 17 abordagens únicas para explorar o processo de internacionalização, especialmente no contexto das Pequenas e Médias Empresas (PME) (conforme visto na Figura 2). Os dados da Figura 2 revelaram que as teorias mais prevalentes foram a Teoria de Uppsala (38 documentos), Teoria de Redes (37 documentos), Teoria Baseada em Recursos (24 documentos), Teoria do Empreendedorismo Internacional (17 documentos) e Teoria Institucional (8 documentos). Enquanto outras teorias foram utilizadas em menor grau, como Teoria da Aprendizagem Organizacional e Teoria da Efetuação (3 documentos), Gestão do Conhecimento e Perspectiva da Cadeia de Valor Global (2 documentos) e Teoria do Capital Intelectual, Ciclo de Vida do Produto (PLC), Teoria das Camadas Superiores, Visão Baseada no Mercado, Modelos de Negócios Sustentáveis, Teoria da Troca Relacional (RET), Teoria da Internalização e Teoria dos Custos de Transação, cada uma delas utilizada em um único documento.

A figura 2 sugere que existe uma diversidade de terminologias no estudo do processo de internacionalização das PME, dependendo da abordagem ou teoria escolhida. De acordo com numerosos estudos acadêmicos, o termo “teoria” está sujeito a sutis variações de significado, indicando uma falta de acordo sobre sua definição precisa (METCALFE, 2004; SUTTON E STAW, 1995).

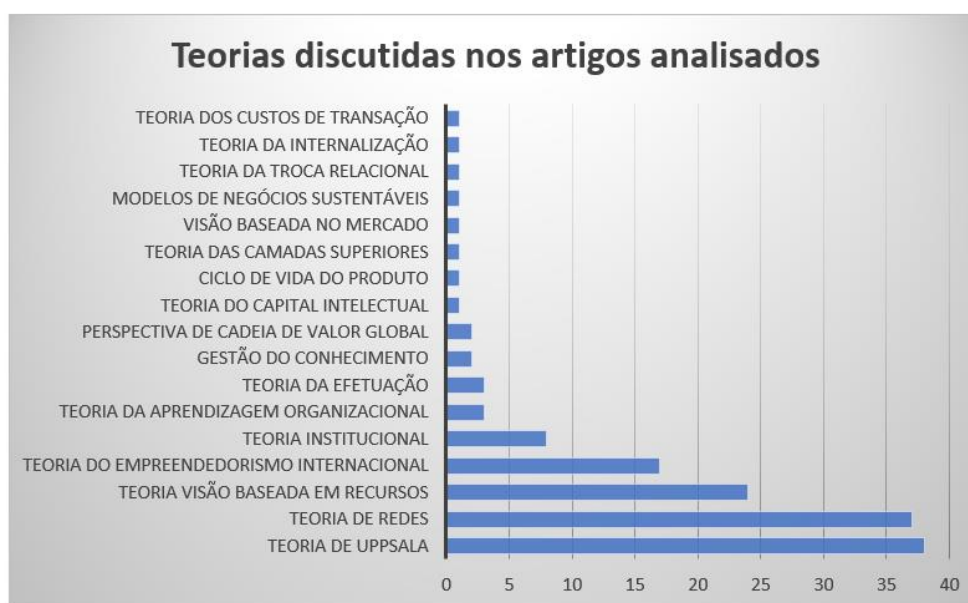


Figura 2: Teorias discutidas nos artigos analisados. Fonte: Autor

Gelso (2006) postula que uma teoria é uma declaração que visa elucidar as conexões entre variáveis que estão associadas a determinados fenômenos, e está aberta ao exame. Enquanto isso, Wacker (2002) enfatiza a importância de uma teoria que incorpore definições, domínios, relacionamentos e declarações preditivas. Em resumo, uma teoria é empregada na pesquisa para conceituar e explicar observações estruturadas de fenômenos e comportamentos complicados (THOMAS, 2017), sendo seu objetivo principal a previsão ou a explicação (GELSO, 2006).

Ao realizar uma revisão da literatura, torna-se evidente que certos pesquisadores utilizam os termos “teoria”, “abordagem” e “visão” de forma intercambiável. Isso pode ser visto em frases como “teoria baseada em recursos” (ANDERSEN, SUAT KHEAM, 1998; CONNER, 1991) e “visão baseada em recursos” (JEONG ET AL., 2019; KHOURY ET AL., 2021), como bem como

“abordagem de rede” (JOHANSON, MATTSSON, 1988) e “teoria de rede” (HOSSEINI, DADFAR, 2012).

Com base nas definições fornecidas por esses pesquisadores, pode-se afirmar que os conceitos teóricos empregados pelos estudiosos no contexto do processo de internacionalização abordado neste artigo, apesar de variarem em definição, todos se qualificam como teorias. Isso se deve ao fato de aderirem aos aspectos fundamentais da definição teórica anteriormente delineada.

Para uma melhor compreensão da análise final deste artigo, se faz necessário apresentar as teorias, entretanto, para não se alongar, foi decidido fazer um recorte e abordar apenas as 5 principais teorias citadas nos trabalhos acadêmicos analisados e que representaram 87% das citações (124 citações destas teorias contra 142 de todas).

A) TEORIA DE UPPSALA

O modelo Uppsala, também denominado abordagem convencional, é um conceito que delinea o procedimento de incorporação de uma empresa no mercado externo. A proposta original deste modelo foi apresentada por Johanson e Vahlne, em 1977. Esta teoria concentra-se na expansão global das Pequenas e Médias Empresas (PME), particularmente nos cenários escandinavos, e é influenciada pelos princípios da Teoria Comportamental (CYERT E MARCH, 1963) e Teoria do Crescimento empresarial (PENROSE, 1959).

O Modelo Uppsala, conforme definido por Sharma e Blomstermo (2003), afirma que o fator mais significativo na internacionalização é o conhecimento do mercado. À medida que as empresas melhoram a sua compreensão dos mercados estrangeiros, aumentam os seus investimentos internos, dedicam mais recursos e alargam os seus compromissos externos. Além disso, esta estratégia enfatiza que a participação das empresas nos mercados globais, especialmente das pequenas e médias empresas (PME), é um processo passo a passo que alguns especialistas descrevem como um método escalonado (CHETTY, 1999).

A estratégia para as pequenas e médias empresas (PME) depende de uma abordagem específica. O objetivo principal é focar no mercado geograficamente mais próximo, permitindo que as empresas adquiram exposição preliminar ao mercado global com risco reduzido.

O Modelo Uppsala foi recebido com críticas por parte de alguns estudiosos. Oviatt e McDougall (1994) desafiaram a validade da abordagem incremental, afirmando que nem todas as pequenas e médias empresas (PME) aderem a esta progressão e algumas entram

imediatamente no mercado global. Forsgren (2002) examinou as facetas associadas ao conhecimento do mercado, afirmando que as organizações podem expandir-se no estrangeiro sem uma compreensão extensiva do mercado-alvo, citando a elevada concorrência e o crescimento interno mínimo como fatores contribuintes. O modelo tradicional de Uppsala não tem em conta o impacto da tecnologia moderna, que facilita a comunicação rápida e fácil por meio de da Internet, eliminando eficazmente as restrições geográficas na entrada em mercados estrangeiros.

Johanson e Vahlne (1990) respondem às críticas ao seu trabalho com uma mudança na priorização da distância do conceito original. Uma década mais tarde, em 2009, os autores apresentaram uma revisão mais abrangente do modelo de Uppsala, que teve em conta as condições modernas de mercado e de negócios. Este novo modelo levou em consideração o papel influente das redes na internacionalização e postulou que a expansão bem-sucedida depende menos apenas do conhecimento do mercado e mais ainda da percepção da empresa sobre as oportunidades dentro da sua posição na rede. No modelo original, o compromisso com o mercado desempenhou um papel significativo, mas desde então foi substituído pela posição na rede. A teoria postula que à medida que uma empresa solidifica a sua posição dentro de uma rede, ela ganha acesso a maiores oportunidades e conhecimentos que estão disponíveis apenas para outros membros da rede. Consequentemente, a capacidade de uma empresa adquirir conhecimento durante a internacionalização depende da sua capacidade de aprender por meio da experiência, estabelecer confiança e cultivar conhecimento dentro da rede. Isto se soma aos níveis de risco e incerteza inerentes ao processo, conforme descrito por Johanson e Vahlne (2009).

B) TEORIA DA REDE

O Modelo Revisto de Uppsala, também conhecido como abordagem de rede, propõe que o processo de internacionalização pode ser dividido em dois componentes distintos: variáveis de estado e variáveis de mudança. Johanson e Vahlne (2009) sugerem que a dimensão do estado consiste na oportunidade, no conhecimento e na posição da rede da empresa, enquanto a dimensão da mudança representa o processo dinâmico da empresa de aprender, criar e construir confiança em suas operações diárias. Além disso, esse comportamento dinâmico, ou dimensão de mudança, pode impactar variáveis de estado e vice-versa, facilitando o processo de internacionalização. Em resumo, o modelo de Johanson e Mattson (1988) enfatiza a importância

da aprendizagem gradual e do desenvolvimento do conhecimento do mercado por meio de da interação dentro das redes.

A ligação entre empresas e redes é fundamental, pois o processo de internacionalização é substancialmente influenciado por essas redes (HALINEN E TORNROOST, 1998). Segundo Johanson e Mattsson (1988), as atividades de uma empresa podem ser divididas em internacionais ou domésticas, sendo ambas representadas pelas suas respectivas redes. A avaliação da posição de uma empresa na rede pode ser feita tanto a partir de perspectivas micro (empresa para empresa) quanto macro (empresa para rede). Esta interdependência entre empresas exige cooperação e competição. É também importante ter em conta as relações diretas (que envolvem parceiros da rede) e as relações indiretas (que envolvem empresas não incluídas na rede) ao analisar as relações a nível macro. Johanson e Mattsson (1998) fundiram os pontos de vista micro e macro das redes.

C) TEORIA BASEADA EM RECURSOS

A perspectiva baseada em recursos é um conceito concebido para esclarecer as conexões inerentes entre os recursos de uma empresa, seu desempenho e sua posição competitiva no mercado. Esta abordagem enfatiza a vantagem competitiva da empresa ao considerar recursos tangíveis e intangíveis, como a capacidade da empresa de aprender enquanto desenvolve novos recursos. Para estabelecer uma vantagem competitiva sustentável no mercado internacional são necessários recursos específicos. Segundo Barney (1991) e Peteraf (1993), esses recursos devem atender a critérios específicos, incluindo serem valiosos, raros, difíceis de imitar e insubstituíveis. Grant (1991) complementa esses critérios ao incluir fatores como durabilidade, transparência, transferibilidade e replicabilidade.

Ahokangas (1998) enfatiza que quando as empresas se internacionalizam, devem adaptar os seus recursos em conformidade. Esta adaptação envolve duas dimensões: a origem dos recursos a serem ajustados (interna ou externa à empresa) e a direção do desenvolvimento dos recursos (interna ou externa). A Figura 3 apresenta uma representação visual deste conceito proposto por Ahokangas (1998).

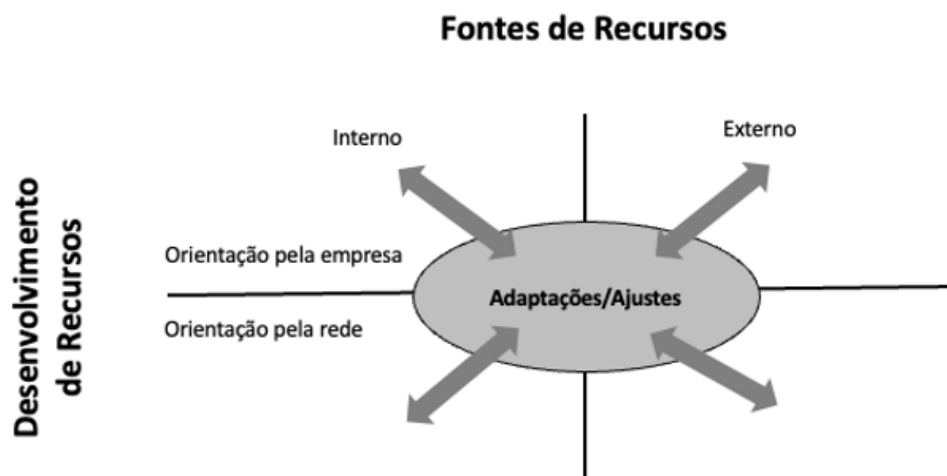


Figura 3: Ajuste dos Recursos para Internacionalização. Fonte: adaptado de Ahokangas (1998)

Vários acadêmicos integraram a Visão Baseada em Recursos em suas pesquisas. A interação entre os ativos tangíveis e intangíveis de uma empresa, juntamente com as condições externas do seu país de origem, é um componente crítico do processo de expansão internacional de um negócio. A aptidão organizacional, especificamente a aptidão empreendedora, é um elemento interno que não apenas seduz, mas também impulsiona o processo de internacionalização (DELLA CORTE, 2014; SENIK ET AL, 2014; PELLICANO ET AL., 2016).

D) TEORIA DO EMPREENDEDORISMO INTERNACIONAL

A noção de empreendedorismo internacional, introduzida por Morrow (1988) enfatiza o potencial do progresso tecnológico e da consciência cultural para facilitar a entrada de novos empreendimentos empresariais no mercado global. McDougall e Oviatt (2000) refinam esse conceito, definindo o empreendedorismo internacional como uma fusão de condutas inventivas e ousadas que desconsideram as fronteiras nacionais e visam gerar valor para a organização. Nesse contexto, uma organização demonstra disposição para modificar parcialmente seu modelo de negócios e produtos, impulsionada pela perspectiva de empreendimentos promissores em localidades estrangeiras.

A interseção de três disciplinas acadêmicas é onde se argumenta que o empreendedorismo internacional reside: empreendedorismo, negócios internacionais e gestão estratégica (WACH E WEHRMANN, 2014). Os componentes primários do empreendedorismo internacional são identificados por Allen (2016) da seguinte forma: novos empreendimentos

internacionais, globalização presente desde o início, rápida internacionalização e modelos gerais de empreendedorismo internacional. Esta classificação enfatiza a extensão e o tipo de atividades empreendedoras internacionais de uma empresa. As empresas que operam globalmente expandem as suas operações para pelo menos três regiões do mundo, com aspirações de um crescimento ainda maior. Em contraste, os novos empreendimentos internacionais são empresas que se internacionalizam rapidamente para aproveitar oportunidades imediatas (CRICK, 2009). A proposta de Empreendedorismo Internacional de Wach (2014) abrange três conceitos primários que são apresentados na Figura 4. O diagrama apresenta três ideias fundamentais do empreendedorismo internacional, que consideram duas variáveis: a taxa de internacionalização (gradual ou rápida) e a orientação inicial da empresa para o mercado (local ou internacional). O empreendedorismo internacional centra-se especificamente em explorar e enfatizar a importância do papel do empreendedor no processo de internacionalização das PME.

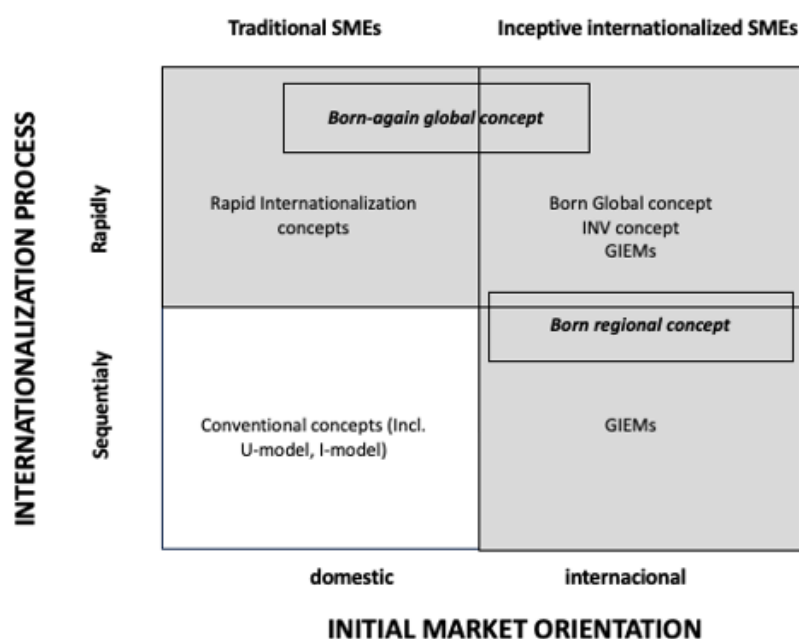


Figura 04: Conceito de Tipologia Básica de Empreendedorismo Internacional. Nota: as áreas de estudos focados em Empreendedorismo Internacional estão sinalizadas em cinza. Fonte: Wach, 2012, p. 121.

A perspectiva do empreendedorismo internacional tem sido bastante relevante na pesquisa acadêmica. De acordo com o estudo de Senik et al. (2016), as pequenas e médias empresas (PME) do setor agrícola podem seguir padrões semelhantes aos das empresas multinacionais, mesmo depois de enfrentarem o fracasso no mercado interno. Por outro lado, Galkina e Chetty (2015) argumentam que o compromisso de participar no mercado internacional

é uma resposta às oportunidades emergentes. Para capitalizar estas oportunidades, as PME estabelecem relações com parceiros estratégicos e fiáveis para mitigar riscos e incertezas. As pesquisas de Reuwer et al. (2013) e Ahmad (2014) e apoiam esta abordagem, pois indicam que as redes internacionais foram cruciais para facilitar a rápida expansão global, permitindo que estas empresas alcançassem uma presença global significativa num curto período, normalmente entre um e cinco anos após a sua criação.

E) TEORIA INSTITUCIONAL

De acordo com a perspectiva institucional, o contexto institucional tem um impacto substancial nas estruturas formais das organizações, superando muitas vezes a influência das pressões do mercado (MEYER ET AL., 2009). Este referencial teórico examina as decisões tomadas em resposta ou alinhamento com o ambiente institucional de uma organização (BLUEDORN ET AL., 1994). Considera as forças económicas, sociais e políticas, bem como os efeitos dos institutos relevantes (SCOTT ET AL., 2005). As instituições, que são definidas como limites formais estabelecidos pelos indivíduos para regular as interações humanas (NORTH, 1990), determinam como as empresas respondem ao ambiente, seja explorando e desenvolvendo oportunidades, seja reagindo às ameaças percebidas (KOLK, FORTANIER, 2013).

A perspectiva institucional postula que as redes são constituídas por instituições formais e informais, como sindicatos, entidades governamentais, centros de inovação, incubadoras de empresas, associações de apoio profissional, instituições financeiras e de investigação. Oparaocha (2015) fornece evidências de que existe uma correlação positiva entre as relações da rede institucional e o processo de internacionalização das pequenas e médias empresas. Enquanto isso, Zhang et al. (2016) mostram que o ambiente institucional, tanto formal como informal, mantém consistentemente uma relação forte e favorável com o desempenho internacional das empresas globais desde o início.

4. Análises e considerações sobre as teorias vigentes

Ao examinar a Figura 2 e o número de citações nos artigos, torna-se evidente que a Teoria de Uppsala, que foi originalmente concebida como um meio de explicar o processo de internacionalização das pequenas e médias empresas, ainda hoje tem relevância significativa entre os estudiosos. No entanto, surgiram algumas críticas

relativamente à capacidade da teoria para explicar o comportamento das PME na atual tessitura empresarial. Mesmo os proponentes originais da teoria, Johanson e Vahlne (1977), reconheceram esta limitação e procuraram fazer melhorias em 2009, levando ao desenvolvimento do Modelo Revisto de Uppsala (JOHANSON E VAHLNE, 2009). Esta versão atualizada enfatizou a importância das redes no processo de internacionalização, contribuindo em última análise para o surgimento da teoria de redes neste campo. A transição em questão está representada na Figura 2, o que indica que a quantidade de estudos que utilizam esta metodologia é comparável. Para as pequenas e médias empresas (PME), a sua rede desempenha uma função crítica na superação de obstáculos associados à documentação, proficiência linguística e distribuição. Esta rede também reforça a dedicação ao mercado, promove a confiança e amplifica o processo de orientação internacional, conforme observado por Hutchinson et al. (2009) e Coviello e Munro (1995).

De acordo com as pesquisas realizadas por Axinn e Matthyssens (2002) e McDougall e Oviatt (1994), existe a crença de que as alterações no ambiente dão a oportunidade de rever teorias já estabelecidas que foram anteriormente utilizadas para explicar o comportamento das PME no processo de internacionalização e avaliar sua importância no cenário atual. As mudanças ambientais propostas por Axinn e Matthyssens (2002) consistem em quatro dimensões: globalização econômica (Bartlett et al., 2000), desenvolvimento da indústria de serviços (Hamill, 1997), avanço da tecnologia (Coviello et al., 2017), e o advento da economia baseada em valor.

Axinn e Matthyssens (2002) apresentaram o argumento de que a Teoria de Uppsala não é aplicável à era atual do comércio eletrônico devido à sua incapacidade de acomodar a noção de progressão gradual e "distância psíquica". A teoria também é criticada por sua incapacidade de explicar a formação de alianças corporativas estratégicas, falta de explicações para o conceito de cadeias de valor e generalização insuficiente do envolvimento incremental em mercados estrangeiros, dados os atuais avanços tecnológicos. No entanto, existem diferentes perspectivas e as discussões estão abertas sobre as fragilidades do conceito de distância psíquica proposto por Axinn e Matthyssens (2002). Os atuais avanços no comércio eletrônico não eliminam totalmente as barreiras geográficas e culturais, e o contexto dos recursos e as características específicas dos produtos das PME devem ser tidos em conta.

5. Categorização das abordagens de pesquisa com base no modelo original do processo de internacionalização.

Ao examinar detalhadamente os artigos e das suas metodologias, verifica-se que os pesquisadores, durante os anos de 2018 a 2023, utilizaram cinco abordagens de investigação distintas para explorar o processo de internacionalização das Pequenas e Médias Empresas (PME).

A primeira destas áreas diz respeito às fases de envolvimento das PME nos mercados estrangeiros. Os pesquisadores utilizaram tanto o modelo de Uppsala (um processo gradual) como o Empreendedorismo Internacional (nascido global) para explicar as fases de envolvimento. A maioria dos estudos está alinhada com a Teoria de Uppsala, que sugere que as PME entram gradualmente no mercado internacional. Exemplos de tais estudos incluem Ahmad (2014) e Kriz e Welch (2018). Ao entrar gradualmente no mercado internacional, as PME podem tirar partido de um mecanismo de aprendizagem cumulativo e auto reforçado. No entanto, é importante observar que as etapas de entrada podem ser diferentes.

A segunda categoria de investigações envolve compromissos de mercado. Isto começa com a análise de como as Pequenas e Médias Empresas (PME) avaliam as suas perspectivas nos mercados estrangeiros, a sua posição em relação aos concorrentes e os desafios que podem encontrar ao adoptarem uma perspectiva baseada no mercado. As instituições são um fator crucial a considerar na condução de negócios além das fronteiras nacionais, uma vez que cada país apresenta um contexto único. O estudo dos aspectos institucionais pode ser abordado por meio de da teoria institucional. Além disso, as PME avaliam os seus recursos disponíveis para capitalizar as oportunidades abertas no mercado internacional, como prova do seu compromisso com o mercado e para obter resultados vantajosos para os seus negócios.

É crucial compreender como as pequenas e médias empresas (PME) organizam e distribuem os seus recursos internos e externos para aproveitar oportunidades e estabelecer a sua vantagem competitiva nos mercados globais. A visão baseada em recursos oferece insights sobre esse assunto. Os ativos internos, como competências e conhecimentos que uma organização possui para criar valor para os seus clientes e reforçar a sua vantagem competitiva, são considerados recursos internos. Entretanto, os

recursos externos para as PME incluem a capacidade de construir e expandir redes. Portanto, a teoria das redes é uma abordagem igualmente pertinente para a pesquisa sobre internacionalização e envolvimento no mercado.

A terceira área de estudo no processo de internacionalização gira em torno da decisão de comprometimento. As pequenas e médias empresas (PME) devem determinar a melhor forma de alocar os seus recursos para satisfazer as exigências do mercado, criar valor para os clientes e obter uma vantagem competitiva, uma vez que tenham decidido explorar um mercado-alvo estrangeiro. A Teoria Baseada em Recursos também é aplicável neste contexto. Devido às limitações inerentes às PME em termos de recursos e conhecimento do mercado, estas tendem a internalizar os seus negócios para minimizar o risco de incerteza do mercado e potencial comportamento oportunista dos seus parceiros (BUCKLEY, 2018; HÄNELL E NORDMAN, 2018). A teoria da internalização é fundamental na pesquisa dessa questão. Alternativamente, o comportamento das PME nas suas decisões de compromisso pode ser explicado pela Teoria da Troca Relacional e pela Teoria dos Custos de Transação. Quando as empresas se comprometem com um mercado-alvo estrangeiro, tomam decisões estratégicas que podem ser representadas por um modelo de negócio sustentável. À luz da crescente importância da consciência ambiental, as empresas devem integrar este conceito ao alocar recursos e competências para criar valor para o cliente (GEISSDOERFER ET AL., 2018). O modelo de negócios sustentável pode ajudar as empresas a superar as barreiras ambientais no país de destino. Esta corrente de pesquisa assume que um modelo de negócio sustentável é uma parte crucial desse esforço. No entanto, neste artigo, acredita-se que a abordagem do modelo de negócios pode ser expandida para um conceito mais amplo que permita inovações no modelo de negócios, que possam aproveitar as oportunidades do mercado externo num mercado mundial altamente competitivo.

A análise do procedimento de aprendizagem durante a internacionalização das pequenas e médias empresas (PME) constitui a quarta abordagem de pesquisa. De acordo com o modelo fundamental de Johanson e Vahlne (1977) que destaca a importância do conhecimento do mercado, a aplicação da teoria da aprendizagem organizacional e da gestão do conhecimento pode elucidar o comportamento das PME a nível organizacional. Especificamente, trata-se da aquisição e utilização eficiente do conhecimento no processo de tomada de decisão de internacionalização. O processo de aprendizagem é observável

ISSN 2525-2941 – Vol. 8 – nº 1 – pág. 15-37

tanto do ponto de vista individual quanto organizacional, o que pode ser explicado por meio de da teoria do capital intelectual.

A quinta perspectiva examina a conduta empresarial no que diz respeito à tomada de decisões relativas às aberturas nos mercados globais, utilizando tanto teorias de efetuação como de alto nível. Embora o modelo de Johanson e Vahlne de 1977 não aborde explicitamente o comportamento dos decisores individuais, estas teorias apresentam conhecimentos significativos e valiosos sobre o tema. Tan et al. (2014) constataram que o tomador de decisão se torna o ponto focal da entrada de uma empresa nos mercados internacionais.

Vale a pena notar que os investigadores tendem a utilizar mais de duas abordagens na investigação do comportamento das PME durante o seu processo de internacionalização. Isso enfatiza a necessidade de uma compreensão mais abrangente do tema. Devido aos avanços na tecnologia e ao ambiente de negócios em evolução, as PME têm agora maiores oportunidades de operar globalmente desde o início. A combinação e integração de teorias oferecem um imenso potencial para o desenvolvimento contínuo de modelos e teorias à medida que o cenário empresarial muda. Ao estudar a internacionalização das PME, é essencial considerar o contexto e as condições individuais e organizacionais dos países de origem e de destino. Isto destaca a importância de reconhecer a distinção das relações interpessoais e dos contextos institucionais.

5. Conclusões

O processo de internacionalização das Pequenas e Médias Empresas (PME) é um campo de estudo complexo e multifacetado que pode ser abordado por meio de de vários métodos científicos. Numa revisão de 100 artigos publicados entre 2018 e 2023, os autores descobriram que os acadêmicos exploraram o processo de internacionalização das PME utilizando 17 teorias diferentes. Estes incluem a Teoria de Uppsala, a Abordagem de Rede, a Teoria Baseada em Recursos, Empreendedorismo Internacional, Teoria Institucional, Teoria do Capital Intelectual, Gestão do Conhecimento, Abordagem do Ciclo de Vida do Produto (modelo Vernon), Teoria da Aprendizagem Organizacional, Teoria da Efetividade, Perspectiva da Cadeia de Suprimentos, Global Valor, Teoria das Altas Esferas, Visão Baseada no Mercado, Modelo de Negócios

Sustentável, Teoria da Troca Relacional, Teoria da Internalização e Teoria dos Custos de Transação.

Existem cinco categorias distintas de teorias que tratam do processo de internacionalização das pequenas e médias empresas (PME). A primeira categoria diz respeito às fases de desenvolvimento pelas quais as PME passam durante este processo. A segunda categoria investiga os compromissos de mercado, avaliando as perspectivas e a concorrência internacionais, bem como os obstáculos, com especial ênfase na análise de recursos e capacidades. A terceira categoria centra-se nas decisões estratégicas que as PME tomam quando se comprometem com a internacionalização. A quarta categoria é dedicada à aprendizagem e implementação do conhecimento no processo de tomada de decisão de internacionalização. Por último, a quinta categoria explora comportamentos empreendedores que surgem em resposta às oportunidades do mercado internacional.

A Teoria de Uppsala, também conhecida como abordagem de estágio e rede, é amplamente considerada a teoria predominante na área. No entanto, a seleção da teoria mais adequada para a investigação sobre a internacionalização das pequenas e médias empresas requer uma compreensão metódica dos objetivos da investigação.

6. Limitações e sugestões

Numerosos artigos têm-se dedicado a discutir exaustivamente as teorias que fundamentam o processo de internacionalização das PME. No entanto, é importante reconhecer que certas teorias podem não ter sido abordadas devido às restrições das bases de dados de revistas Scopus, Web of Science (WoS) e Periódicos da CAPES.

Há uma oportunidade para uma investigação mais aprofundada sobre a fusão e utilização de múltiplos conceitos para investigar a progressão da internacionalização, especialmente nas diversas origens das pequenas e médias empresas em meio a modificações na esfera corporativa. A recomendação é que os pesquisadores examinem a viabilidade de teorias ou combinações específicas que possam esclarecer mais adequadamente as ações das PME durante a sua internacionalização, tendo em consideração as especificidades das situações locais. A política e o ambiente de negócios de cada país variam, criando diversas oportunidades de inovação em pesquisas futuras. Além disso, sugere-se que os investigadores olhem para além da

sua área ou campo específico e explorarem teorias ou conceitos de outras disciplinas que possam melhorar o estudo da internacionalização nas PME.

7. Referências

- AHMAD, S. Z. Small and medium enterprises' internationalisation and business strategy: Some evidence from firms located in an emerging market. **Journal of Asia Business Studies**, 8(2), 168–186, 2014.
- AHOKANGAS, P. **Internationalisation and resources: an analysis of processes in Nordic SMEs**. Vaasa. Universitas Wasaensis, 1998.
- ALLEN, I. International entrepreneurship theory: Past, present and way forward. **Entrepreneurial Business and Economics Review**, 4(4), 93–103, 2016.
- ANDERSEN, O.; SUAT KHEAM, L. Resource-based theory and international growth strategies: An exploratory study. **International Business Review**, 7(2), 163–184, 1998.
- AXINN, C. N.; MATTHYSENS, P. Limits of internationalization theories in an unlimited world. **International Marketing Review**, 19(5), 436–449, 2002.
- BARNEY, J. Firm Resources and Sustained Competitive Advantage. **Journal of Management**, 17(1), 99–120, 1991.
- BARTLETT, C. A.; GHOSHAL, S.; BIRKINSHAW, J. **Transnational management**. New York: McGraw Hill, 2000.
- BLUEDORN, A. C.; JOHNSON, R. A.; CARTWRIGHT, D. K.; BARRINGER, B. R. The interface and convergence of the strategic management and organizational environment domains. **Journal of Management**, 20(2), 201–262, 1994.
- BUCKLEY, P. P. **Internalization Theory**. In The Palgrave Encyclopedia of Strategic Management - Palgrave Macmillan. (pp.787–792), 2018.
- CHALDUN, E. R.; YUDOKO, G.; PRASETIO, E. A.; SETIAWAN, J.; HERLIANA, S., AINA, Q.; HARTATI, S. Motivation of indonesian culinary SMEs to engage in international markets. **Systematic Reviews in Pharmacy**, 11(12), 276–282, 2020
- CHETTY, S. Dimensions of internationalisation of manufacturing firms. **European Journal of Marketing**, 33(1/2), 121–142, 1999.
- COASE, R. H. The Nature of the Firm. **Essential Readings in Economics**, IV, 37–54, 1937.

- CONNER, K. Historical comparison of RBV. **Journal of Management** - Vol. 17, Issue 1, p. 34, 1991.
- COVIELLO, N. E.; MUNRO, H. J. Growing the entrepreneurial firm. **European Journal of Marketing**, 29(7), 49–61, 1995.
- COVIELLO, N.; KANO, L.; LIESCH, P. W. Adapting the Uppsala model to a modern world: Macro-context and microfoundations. **Journal of International Business Studies**, 48(9), 1151–1164, 2017.
- CRICK, D. The internationalisation of born global and international new venture SMEs. **International Marketing Review**, 26(4), 453–476, 2009.
- CYERT, R. M.; MARCH, J. G. **A behavioral theory of the firm**. Prentice Hall, Englewood Cliffs, NJ, 1963.
- DELLA CORTE, Valentina. Towards a new model of SMEs' internationalization. In: **Handbook of Research on Strategic Management in Small and Medium Enterprises**. IGI Global, p. 204-242, 2014.
- FORSGREN, M. The concept of learning in the Uppsala internationalization process model: a critical review. **International Business Review**, 11(3), 257(342), 257–277, 2002.
- GALKINA, T.; CHETTY, S. Effectuation and Networking of Internationalizing SMEs. **Management International Review**, 55(5), 647–676, 2015.
- GEISSDOERFER, M.; MORIOKA, S. N.; DE CARVALHO, M. M.; EVANS, S. Business models and supply chains for the circular economy. **Journal of Cleaner Production**, 190, 712–721, 2018.
- GELSO, C. J. Applying Theories to Research: The Interplay of Theory and Research in Science. In **The Psychology Research Handbook: A Guide for Graduate Students and Research Assistants** (pp. 455–465), SAGE Publications, 2006.
- GRANT, R. M. The resource-based theory of competitive advantage: Implications for strategy formulation. **California Management Review**, 33(3), 3–24, 1991.
- GRANT, R. M. **Contemporary Strategy Analysis: Concepts, Techniques, Applications (5th Edition)**. Blackwell Publishing, Fifth Edition, 1–152, 2005.

- GUIMARÃES, S. K.; AZAMBUJA, L. R.. Internacionalização de Micro, Pequenas e Médias Empresas Inovadoras no Brasil: Desafios do novo paradigma de desenvolvimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 33, 2018.
- HALINEN, A.; TORNROOST, K. E. The role of embeddedness in the evolution of business networks. **Scandinavian Journal of Management**, 14(3), 187–205, 1998.
- HAMILL, J. The Internet and international marketing. **International Marketing Review**, 14(5), 300–323, 1997.
- HÅNELL, S. M.; NORDMAN, E. R. What geographical scope works best for rapidly internationalizing SMEs? **Journal of Business and Industrial Marketing**, 34(6), 1194–1202, 2018.
- HOSSEINI, M.; DADFAR, H. Network-based theories and internationalization of firms: applications to empirical studies. **ITARC International Trade and Academic Research Conference**, nov, 2012.
- HUTCHINSON, Karise; FLECK, Emma; LLOYD-REASON, Lester. An investigation into the initial barriers to internationalization: Evidence from small UK retailers. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 16, n. 4, p. 544-568, 2009.
- JAVALGI, Rajshekhar Raj G.; TODD, Patricia R. Entrepreneurial orientation, management commitment, and human capital: The internationalization of SMEs in India. **Journal of Business Research**, v. 64, n. 9, p. 1004-1010, 2011.
- JEONG, So Won; JIN, Byounghe Ellie; JUNG, Sojin. The temporal effects of social and business networks on international performance of South Korean SMEs. **Asia pacific journal of marketing and logistics**, v. 31, n. 4, p. 1042-1057, 2019.
- JOHANSON, J.; MATTSSON, L. (1988). Internationalisation in Industrial Systems – A Network Approach. In J. E. (Eds.), Hood, H & Vahlne (Ed.), **Strategies in Global Competition**, Cengage Learning (pp. 287–314). EMEA. 1988.
- JOHANSON, Jan; VAHLNE, Jan-Erik. The internationalization process of the firm: a model of knowledge development and increasing foreign market commitments. **The internationalization of the firm**. 2nd ed. London: Clays Ltd., Suffolk, 1999.
- JOHANSON, Jan; VAHLNE, Jan-Erik. The Uppsala internationalization process model revisited: From liability of foreignness to liability of outsidership. In: **International business strategy**. Routledge,. p. 33-59, 2015.

- JOHANSON, J.; VAHLNE, J. E. (1990). The Mechanism of Internationalisation: International. **Marketing Review**, 7(4), 11–24, 1990.
- JONES, Marian V. The internationalization of small high-technology firms. **Journal of International Marketing**, v. 7, n. 4, p. 15-41, 1999.
- KHOURY, G.; EL-FAR, M. T.; KHOURY, E. N.; TOVSTIGA, G. Internationalisation of developing economy small and medium-sized enterprises: Social capital and learning in Palestinian pharmaceutical firms. **Journal of Small Business and Enterprise Development**, v. 28, n. 2, p. 298-316, 2021.
- KOLK, Ans; FORTANIER, Fabienne. Internationalization and environmental disclosure: The role of home and host institutions. **Multinational Business Review**, v. 21, n. 1, p. 87-114, 2013.
- KRIZ, Alexandra; WELCH, Catherine. Innovation and internationalisation processes of firms with new-to-the-world technologies. **Journal of International Business Studies**, v. 49, p. 496-522, 2018.
- LU, Jane W.; BEAMISH, Paul W. Partnering strategies and performance of SMEs' international joint ventures. **Journal of Business Venturing**, v. 21, n. 4, p. 461-486, 2006.
- MCDUGALL, Patricia Phillips; OVIATT, Benjamin M. International entrepreneurship: the intersection of two research paths. **Academy of Management Journal**, v. 43, n. 5, p. 902-906, 2000.
- MCDUGALL, Patricia P.; OVIATT, Benjamin M. Some fundamental issues in international entrepreneurship. **Entrepreneurship Theory & Practice**, v. 18, n. 27, p. 1-27, 2003.
- METCALFE, Mike. Theory: Seeking a plain English explanation. **JITTA: Journal of Information Technology Theory and Application**, v. 6, n. 2, p. 13, 2004.
- Meyer, K. E.; Estrin, S.; Bhaumik, S. K. Institutions, resources, and entry strategies in emerging economies. **Strategic Management Journal**, 61–80, 2009.
- Morrow, J.F. International entrepreneurship: A new growth opportunity. **New Management**, 3: 59-61, 1988

- NAROOZ, Rose; CHILD, John. Networking responses to different levels of institutional void: A comparison of internationalizing SMEs in Egypt and the UK. **International Business Review**, v. 26, n. 4, p. 683-696, 2017.
- NORTH, Douglass C. ET AL. **Institutions, institutional change and economic performance**. 1990.
- OPARAOCHA, Gospel Onyema. SMEs and international entrepreneurship: An institutional network perspective. **International Business Review**, v. 24, n. 5, p. 861-873, 2015.
- OVIATT, Benjamin M.; MCDUGALL, Patricia Phillips. Toward a theory of international new ventures. **International Entrepreneurship: The Pursuit of Opportunities across National Borders**, p. 31-57, 2018.
- PELLICANÒ, Antonio; DE LUCA, Anna Irene. Dynamics, motivations and barriers in internationalisation processes of wineries in Calabria. **Journal of Wine Research**, v. 27, n. 4, p. 257-283, 2016.
- PENROSE, Edith Tilton. **The Theory of the Growth of the Firm**. Oxford university press, 2009.
- PETERAF, Margaret A. The cornerstones of competitive advantage: a resource-based view. **Strategic Management Journal**, v. 14, n. 3, p. 179-191, 1993.
- REUWER, Thomas; JANSSEN, Slinger; BRINKKEMPER, Sjaak. Key factors in the internationalisation process of SMEs exporting business software as a service. **International Journal of Business Information Systems**, v. 12, n. 2, p. 140-162, 2013.
- RIBAU, Claudia P.; MOREIRA, António Carrizo; RAPOSO, Mario. SME internationalization research: Mapping the state of the art. **Canadian Journal of Administrative Sciences/Revue Canadienne des Sciences de l'Administration**, v. 35, n. 2, p. 280-303, 2018.
- SCOTT, W. Richard ET AL. Institutional theory: Contributing to a theoretical research program. **Great minds in management: The process of theory development**, v. 37, n. 2, p. 460-484, 2005.
- SENIK, Zizah Che ET AL. Strategi dan Corak pengantarabangsaan perniagaan agro di Malaysia. **Journal Pengurusan**, v. 48, p. 161-171, 2016.

- SHARMA, D. Deo; BLOMSTERMO, Anders. The internationalization process of born globals: a network view. **International Business Review**, v. 12, n. 6, p. 739-753, 2003.
- SUTTON, Robert I.; STAW, Barry M. What theory is not. **Administrative Science Quarterly**, p. 371-384, 1995.
- TAN, Alvin; BREWER, Paul; LIESCH, Peter. Causes of rigidity in SMEs' export commencement decision. In: **Annual Meeting of the European International Business Academy**. 2014. p. 35-35.
- TAREK, Bel Hadj; ADEL, Ghodbane; SAMI, Aouadi. The relationship between 'competitive intelligence' and the internationalization of North African SMEs. **Competition & Change**, v. 20, n. 5, p. 326-336, 2016.
- THOMAS, Jason. Scholarly views on theory: Its nature, practical application, and relation to world view in business research. **International Journal of Business Management**, v. 12, n. 9, 2017.
- TYKESSON, Daniel; ALSERUD, Mikael. **The Uppsala Model's Applicability on Internationalization processes of European SMEs, Today-A Case Study of Three Small and Medium Sized Enterprises**. 2011.
- WACH, Krzysztof. International Entrepreneurship and the Third Age: The Effect of the Entrepreneur's Age on Internationalisation of Polish Businesses. **Przedsiębiorczość i Zarządzanie**, XV (11 [1]), p. 65-80, 2014.
- WACH, Krzysztof; WEHRMANN, Carsten. Entrepreneurship in international business: International entrepreneurship as the intersection of two fields. **International entrepreneurship and corporate growth in Visegrad countries**, v. 9, 2014.
- WACKER, Ulrich. **Economic internationalisation and the distribution of income: a comparison of the cases of Germany and the US**. 2002.
- WELCH, Lawrence S.; LUOSTARINEN, Reijo. Internationalization: evolution of a concept. **Journal of General Management**, v. 14, n. 2, p. 34-55, 1988.
- WIRYANTI, Tutik. Korelasi Ekspor Dan Impor Terhadap Neraca Perdagangan Dan Neraca Pembayaran Di Indonesia Tahun 2003-2013. **Jurnal Ilmiah Prodi Manajemen Universitas Pamulang**, v. 2, n. 2, p. 111-128, 2015.

TEORIAS SUBJACENTES AO PROCESSO DE
INTERNACIONALIZAÇÃO PARA PEQUENAS E
MÉDIAS EMPRESAS (PMES): UMA REVISÃO
SISTEMÁTICA DA LITERATURA E CLASSIFICAÇÃO
DAS CORRENTES DE PESQUISA.



WIRYANTI, Tutik. Korelasi Ekspor Dan Impor Terhadap Neraca Perdagangan Dan Neraca Pembayaran Di Indonesia Tahun 2007-2016. **Jurnal Bisnis & Akuntansi Unsurja**, v. 2, n. 1, 2017.

ZHANG, Man et al. Institutional effect on born global firms in China: the role of Sun Tzu's The Art of War strategies. **Journal of Asia Business Studies**, v. 10, n. 1, p. 1-19, 2016.

* **Me. João Neroni: é técnico do programa de Qualificação para Exportação - PEIEX pelo convênio APEX do Brasil e ATHON Ensino Superior e professor na ATHON Ensino Superior.**